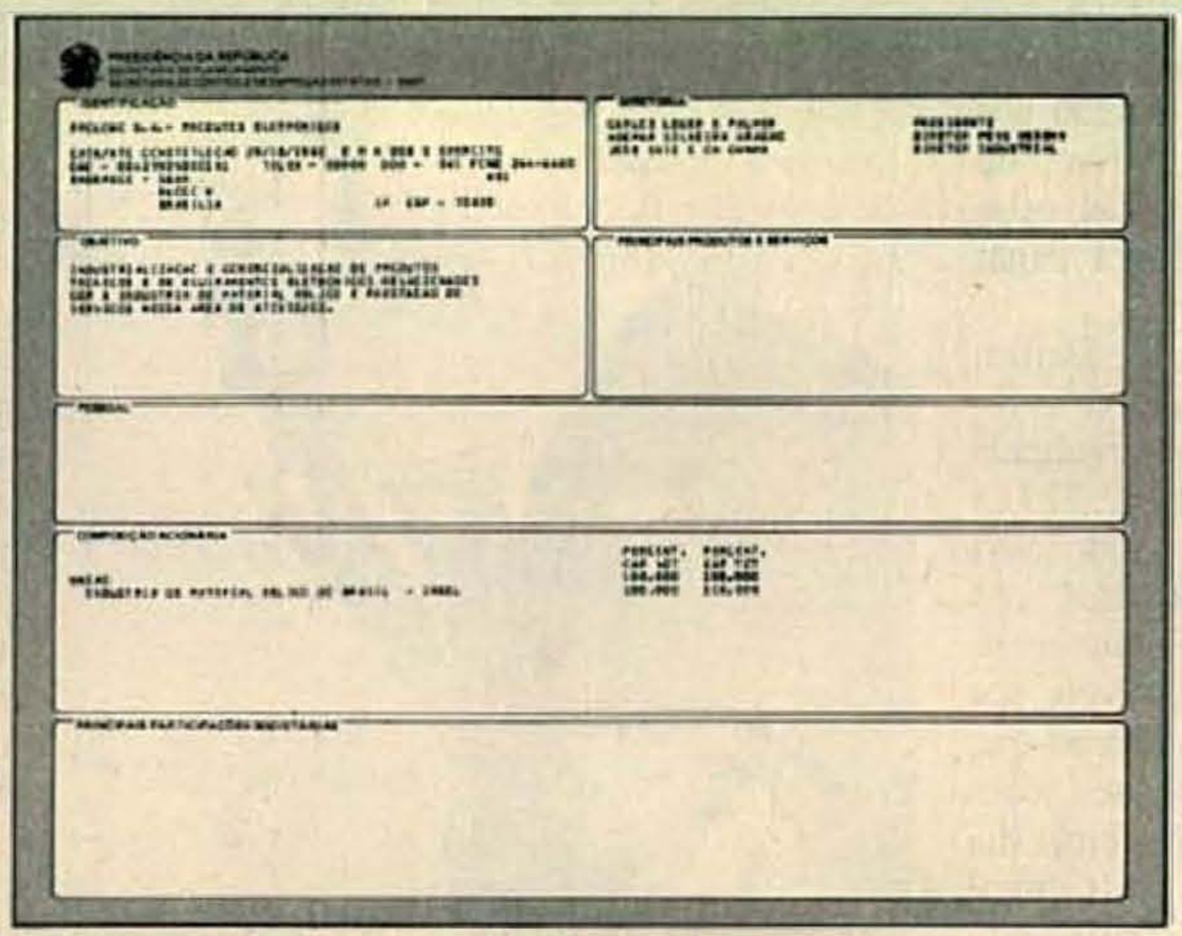
Veja, ano XV, n° 726, 4 de agosto de 1982, p. 24

ORLANDO BRITO



A sede da Prólogo em Brasília: uma empresa estatal que não disse o que faz nem quanto ganha

Até o SNI gerou a sua estatal

O sigilo nas comunicações do governo brasileiro passou a ser garantido, este ano, por máquinas construídas no Setor de Indústrias e Abastecimento de Brasília pela primeira empresa estatal gerada pelo SNI. Os equipamentos embaralham e desembaralham conversas telefônicas, mensagens de telex e dados de computadores, segundo seu fabricante, a Prólogo Produtos Eletrônicos. Essa empresa é uma sociedade anônima peculiar. Todas as suas ações são da Imbel (Indústria de Material Bélico do Ministério do Exército) e os seus principais orientadores são do SNI. O governo resolveu criá-la, em 1980, para concentrar esforços dispersos pelo Instituto Militar de Engenharia, Escola Nacional de Informações, Imbel e Conselho de Segurança Nacional. "O objetivo era fazer todos os trabalhos fluírem para um ponto só", esclarece o presidente da Prólogo, tenente-coronel Carlos Leger Shermann Palmer. Antes, a empresa era uma refinada oficina de equipamentos da Esni.

Segundo o coronel Palmer, a grande dificuldade que a Prólogo enfrenta para nacionalizar esses equipamentos é a falta de literatura técnica: "Os grandes países fabricam, mas é como uma caixa preta: eles não entregam". Ele acredita que o Brasil economizou "milhões de dólares" desde que deixou de importar esses equipamentos: "Há algum tempo, o Brasil perdeu uma concorrência externa para venda de soja por falta de sigilo nas comunicações. Teve um caso que perdemos porque nosso concorrente baixou seu preço em poucos centavos".

Especialista em informações — foi instrutor da Esni entre 1976 e 1980 —, o coronel Palmer é econômico em fornecê-las. Sem descer a detalhes, ele garante que alguns programas brasileiros no Nordeste foram "em grande parte custeados com recursos obtidos pela economia resultante da proteção nas comunicações comerciais", mas recusa-se a dar exemplos. A Prólogo desenvolve também os terminais e a automação bancária do Banco do Brasil e o sistema de controle de processamento de Furnas, e já recebeu pedradas da iniciativa privada. O diretor da Microlab, comandante Didier Vianna, acusou-a de invadir deslealmente o mercado de terminais bancários.

DÁCIO MALTA, de Brasília